

ENTREVISTADORA: Hoje são 7 de junho de 2017, a gente vai começar entrevistando o senhor Juarez. Primeiro senhor Juarez, eu gostaria que o senhor começasse falando o seu nome completo, data, local de nascimento.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: O meu nome é Juarez Teixeira Santana, nascido em 16 de junho de 55, portanto 62 anos farei na semana que vem, e nasci no Município de Bocaiuva, no distrito de, sou registrado no Distrito de Guaraciama, na época então Distrito e hoje Cidade de Guaraciama, Bocaiuva.

ENTREVISTADORA: Virou cidade.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Virou cidade, é.

ENTREVISTADORA: E lá o senhor começou como uma liderança sindical, como que era o trabalho do senhor lá?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: No início mesmo, antes da sindical, foi uma liderança religiosa.

ENTREVISTADORA: Religiosa?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eu até costumo dizer para o pessoal assim, que a igreja foi muito importante na formação dessas lideranças, né, porque, é claro, a igreja a que eu me refiro, eu sou um adepto da teologia da liberação, porque é uma que tem uma visão mais avançada aí, dos acontecimentos. Então, nas comunidades eclesiais de base, que a gente pode organizar primeiro a comunidade local a nível, assim, de igreja, mas há o uso mesmo da palavra de Deus e dentro dessa visão aí, da teologia da libertação, que despertou também para essa organização popular e social.

ENTREVISTADOR: Como que foi a sua inserção na igreja e na teologia da libertação?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Assim, a igreja sempre tem umas coisas muito importantes, é o que eles chamam de épocas fortes...

ENTREVISTADOR: O senhor se refere a catecismos, tudo isso...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É, mas no catecismo foi mais ainda em um tempo bem anterior, não é, que é dentro da visão, mas no muito carismática.

ENTREVISTADOR: O global dessa trajetória?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É, mas no global é assim, nessas épocas fortes, que é chamado, de que é o advento, que é o natal, que discutem umas coisas, assim, bem macro, e na semana santa também que é a quaresma, aquelas coisas, é que veio a temática mais social. Aí sim, aí foi despertando para a condição que a gente mesmo é inserida nela, e tem a obrigação do País, e foi um momento também onde que as comunidades eclesiais de base, alguns pensadores, alguns teólogos importantíssimos estavam em evidência nesse País, que foi isso na década de 80, como

o Leonardo Boff, Clodovil Boff. Eu estou dizendo isso, porque até depois, até eles mesmos foram, ele, o Leonardo, foi condenado pela Santa Sé a dois anos de silêncio, amordaçaram ele e não deixou ele falar mais. Mas ele já tinha plantado uma semente e dessa semente a gente viu que o Brasil todo frutificou e deu bons trabalhos nesse período que a igreja viveu.

ENTREVISTADOR: O contado do senhor com a teologia da libertação se deu quando?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Foi na década de 80, mais preciso, no início de...

ENTREVISTADOR: A partir de quais tipos de materiais?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Olha, o material, o que era didático, que a própria igreja usava na época, que isso depende muito, assim, as editoras que preparam o material para o culto dominical, que também mudou... Eu não me lembro mais agora, eu, por exemplo, tem a editora Santuário, tinha uma outra chamada Bíblia Gente, sabe, que é a publicação era um folderzinho chamado Bíblia Gente, era uma visão espetacular, sabe, que depois, talvez por problemas internos, que a gente vai e participa das coordenações, mudaram de repente para uma outra versão, para uma outra fonte que a gente até discordou, entendeu? Porque não consulta a gente e nem nada. Mas aí do ponto de vista religioso, mas aí a gente foi tendo conhecimento e foi lendo livros, materiais, sabe? Eu li, por exemplo, um livro de um escritor aqui chamado Wiliam Cesar Castilho Pereira, parece que aqui bem nosso, aqui de Minas, que dizia assim: “como trabalhar com o povo?” É um material fantástico que a gente desperta coisa que estava adormecendo dentro da gente e que vai te ensinar. Foi um dos primeiros documentos que eu tive acesso. E depois eu fui

lendo outros livros, por exemplo, os Patrus Ananias era de Bocaiuva, meu conterrâneo, e naquela época eu ia a Belo Horizonte, eu até hospedava na casa dele, e ele me deu alguns livros que eu fui lendo, sabe? Eu fui participando a nível regional, a nível estadual, ia a algumas assembleias, alguns encontros a nível nacional, e que pude conversar diretamente com o Clodovil Boff, com o Leonardo Boff, né, na época o Dom Ivo Lorscheiter, presidência da CNBB, o Dom José Maria Pires também, sabe, alguns bispos de visão bem mais avançadas. E teve contato com liderança do Brasil todo. Então eu gosto muito de leitura, eu gosto muito de literatura, então para mim eu achei fácil isso, e foi direto uma paixão que eu tinha dentro de mim. Então nesse sentido assim que eu fui tendo acesso a esses documentos, entendeu?

ENTREVISTADORA: E aí como que foi que o senhor passa a ser uma liderança dos trabalhadores rurais?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Pois é, como tinha uma carência muito grande, a gente viu aqui, os municípios eram todos inorganizados para os trabalhadores, na década de 80, para ser preciso, foi até no final de década de 70, 79 que foi muito importante, e nisso tinha um grupo de

acadêmicos aí ligados a UFMG, é um professor lá chamado Rodolfo de Braga Almeida, alguns militantes da política do Partido Comunista do Brasil, que era na época uns acadêmicos que já tinha também atinado para esse trabalho, né. E o trabalho que era usado dentro... Que fazia parte até do trabalho, da experiência da medicina, que era uns núcleos chamado Internato Rural. Então tinha muitos jovens lá, acadêmicos, interessados nessa parte e a nossa federação, né, que também não era tão velha, era até relativamente nova, mas pretendia expandir aqui para o Norte de Minas.

ENTREVISTADORA: Qual que era uma federação?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: A Fetaemg, Federação do Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais, né. O advogado que tinha aqui em Montes Claros, que até fez parte da mesa com a gente hoje, o Doutor Afrânio de Oliveira e Silva. E um gaúcho que estava contratado pela Fetaemg, muito bom, depois veio a ser, virar advogado

também, Luiz Antônio Chaves, um rapaz, um jovem ainda, de 20 anos, o moleque tinha uma visão, formação muito boa, sabe? Aí foram organizando os sindicatos. Então nessas reuniões preparatórias para o sindicato, eu participei de todas, devida a uma carência muito grande que tinha de trabalhadores, sabe, de suscitar essas lideranças e pela facilidade que eu tinha de ler, de acesso a isso, me elegeram. E nesse primeiro momento, na época da Ditadura, as fundações dos sindicatos eram diferentes, não era como hoje, depois de 88 isso mudou muito. Naquela época eu tinha que formar uma comissão, era uma diretoria provisória, o Ministério do Trabalho tinha que dar o aval se podia ou não, então eu fui o primeiro dirigente provisório, mas depois, assim que legalizou o sindicato eu tive a eleição definitiva, que era três anos e me consolidei nesse trabalho. E outra coisa, é a coragem que eu sempre tive, sempre teve demanda dos trabalhadores, o que não faltava era demandas e de toda ordem, porque era muita grilagem de terra, tinha muito posseiro, muito conflito agrário, era grande. E as outras carências que os trabalhadores tinham, como tem até hoje em todas as áreas, porque eram desassistidos em todos os sentidos. Então faltava alguém e esse alguém fui eu durante muito tempo para dar vazão a essas demandas, e com a ajuda de muita gente que se propunha a ajudar na época, que era realmente um trabalho voluntariado, como na Pastoral da Terra que tinha também, eu acho que foi na mesma época, estava chegando, ajudou bastante. E essas pessoas.

ENTREVISTADORA: E o senhor tinha alguma trajetória de trabalho no campo ou não?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, eu sou exclusivo do campo. Os meus avós eram lavradores, o meu pai, inclusive eu moro até hoje, isso aí foi escolha minha. Nós somos  
11 irmãos, todos

abandonaram o campo, hoje são metalúrgicos, são de todas as profissões, mesmo pedreiro na cidade, eu nunca abandonei o campo.

ENTREVISTADORA: Sempre trabalhou no campo.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Moro lá até hoje na terra que o meu pai deixou, que o meu avô deixou para o meu pai e que o meu pai deixou para nós. Como todos mudaram, eu moro lá até hoje e vivo de lá. Nunca morei na cidade em período nenhum. Todo esse trabalho em cidade, como tive essa sorte, porque o terreno que o meu pai deixou para nós é a 10 quilômetros da cidade, então isso favorece. Eu pude ir a cavalo, depois passei a ir de bicicleta, hoje tem uma facilidade, posso ir de moto hoje, posso ir de carro, e estar em casa todo dia e se precisa estar todo dia, eu fiz isso durante muitos anos, ir a cidade todo dia, trabalhar no sindicato, organizar, ir nas audiências, viajar a região toda ou mesmo o Estado todo, pra qualquer hora que chegar na cidade a gente ir para casa. E criei a minha família toda na roça, no caso tenho oito filhos, todos foram nascidos na roça e criados lá, e uns ainda estão existindo lá, né, outros estudaram e estão seguindo outras profissões. Mas eu faço questão, até agora fiquei, não é agora que eu vou sair.

ENTREVISTADOR: Sempre foi no sindicato de Bocaiuva?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Na cidade de Bocaiuva.

ENTREVISTADOR: O senhor é o fundador lá?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eu sou o fundador, fui o primeiro presidente.

ENTREVISTADORA: Qual que é o ano de fundação do sindicato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: 80, para ser preciso, dia 16 de novembro 1980, que eu fui a fundação. Aquela época era preciso de o prefeito dar uma declaração falando quantos trabalhadores rurais que tinha no município, e a gente tinha que atingir ali uma porcentagem.

ENTREVISTADORA: O número mínimo.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: O número mínimo, que na época era 600 trabalhadores, e nós conseguimos esse número, levar em assembleia, colher assinatura num livro próprio, e provar para as autoridades que nós conseguimos o que exigia.

ENTREVISTADORA: E quando o sindicato foi fundado quais que foram as principais atividades que começou a realizar na região?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: A primeira atividade era defender a posse da terra e já tinha muitas ações concessórias de fazer deles, que quando ficaram sabendo até da criação do sindicato foi uma onda na cidade falando que o sindicato ia dar direito a trabalhadores, que ia tomar terra e tudo, então aumentou um número de ações

possessórias. Gente com ação na justiça para tirar os trabalhadores da terra. Então a primeira parte foi essa. E legalizar, que tinha

muita gente também que era posseira mesmo, de terras devolutas, de terras que eram do Estado. Então, foi preciso... A primeira demanda foi essa.

ENTREVISTADORA: E vocês conseguiram legalizar essas terras?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não conseguimos tanto, conseguimos deixar esse pessoal quieto lá, e como as ações, elas são movidas em Belo Horizonte, através da Ruralminas, né, o advogado, nesse ponto aí, o advogado era fundamental, porque acompanhava as publicações no Diário Oficial, e toda publicação que aparecia lá falando que era envolvendo o município da gente, a gente tinha esse cuidado de ir lá examinar se tinha algum trabalhador envolvido. Um fazendeiro de lá pedia a legalização da terra sem saber... Sem saber, não, ele sabia, mas o Estado não sabia que tinha posseiro lá dentro, então a gente que fazia esse trabalho para contestar as ações e dar o apoio para essa pessoa cada vez mais se firmar na posse. Mesmo que não teve a titularização da terra, mas ele ficou na terra.

ENTREVISTADORA: Existiu algum caso de expulsão?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ah, muitos. Muitos, infelizmente. A gente não conseguiu barrar tudo, não. Muitos. E depois quando veio o outro, mais doloroso ainda, é quando vem o outro processo da expulsão, enquanto eram as pessoas jurídicas, na pessoa do fazendeiro, no próprio empresário rural, mas quando vieram as empresas, que elas já vieram com projetos. Esses projetos de implantar umas certas áreas de... Como eles chamam, de reflorestamento, implantando no caso aí o eucalipto. Já tinha o aval do Estado, então com esses não tive jeito, e eles também eram mais habilidosos, eles procuravam as pessoas, e propunham alguma coisa, enquanto os outros só propunham a ação judicial de despejo. E eles não. Negociavam, às vezes uma casinha na cidade, na periferia da cidade, mesmo que fosse em uma favelinha lá, uma cesta básica, mas negociava alguma coisa, né. E era também uma forma de ludibriar as pessoas. Mas conversavam, sabe? Aí as outras ações não.

ENTREVISTADOR: Quais eram as empresas da época?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Na época a maior de todas elas, era a Mannesmann. A Mannesmann Florestal, era uma das maiores. Mas tinham outras empresas, eram umas oito empresas mais ou menos na época lá que vinham lá.

ENTREVISTADOR: Como é que era, na memória do senhor, sobre a atuação da Ruralminas?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ah, péssima. Ela, apesar que tinha um... Porque a Lei na época dizia isso, hoje eu não sei. Podia legalizar até 1.500 hectares. Para um trabalhador, não tem um trabalhador que tinha 1.500 hectares. O trabalhador tinha uma possinha de uma, de duas, de dez, o outro tem 20... Então, e quem tinha esse acesso, esse conhecimento é quem tinha a posse,

mas nunca morou ali. Então só quem tinha acesso mesmo à legislação para saber como é que isso funciona, e os trabalhadores que eram nativos ali, os seus pais nasceram, os seus avós, eles não estavam importando com lei, o importante é que eu moro aqui e aqui é meu. Mas é por isso que foram presas mais fáceis dos grandes aí, por falta de conhecimento mesmo de como que era isso.

ENTREVISTADOR: Mesmo conflitos de despejos, de retiradas de pessoas, o senhor lembra da atuação da polícia e do Estado, como é que funcionava isso aí? Se tem alguns casos que o senhor puder lembrar?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Olha, eu acho que a polícia nem era o mais difícil, porque casos de polícia foram poucos, dá para a gente enumerar na cabeça dos dedos. Agora, o pior mesmo era a atuação da justiça, porque dá a impressão que os juízes, eles eram instruídos para defender o Estado só, em qualquer razão. Então, dificilmente um trabalhador ganhava uma ação, entendeu? Porque, por exemplo, o juiz era um defensor só do Estado, não era um juiz de direito.

ENTREVISTADORA: Ou das empresas.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ou das empresas, do poder econômico. Então de cara os trabalhadores já perdiam, entendeu? E era até menos casos que tinha que ter uma

intervenção policial, porque tinha resistências, tinha pessoas que... Eu perdi a ação, mas eu não vou sair daqui. Aí sim, aí tinha que requerer a força policial para ir lá tirar.

ENTREVISTADOR: A polícia só agia nesse sentido?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não... Mas, teve...

ENTREVISTADOR: Desrespeitava os direitos humanos?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Teve sim outros casos, aí teve sim. Teve um caso, por exemplo, lá de um delegado que tinha na comarca chamado Jânio Barros, se não me falha a memória, ele defendia claramente a classe patronal da cidade e teve um caso dele lá que a gente denunciou na imprensa aqui em Montes Claros, que em Bocaiuva na época não tinha o jornal diário e aqui tinha, sempre teve. Aí tem que denunciar, sabe, de violência mesmo, de...

ENTREVISTADOR: Qual que era o caso, o senhor lembra?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Era um caso de uma disputa de terras também lá naquelas chapadas de terras públicas e confrontava com um fazendeiro lá e ele queria tirar essas pessoas de lá.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra o nome do fazendeiro?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É o Vittorio Medioli, que era deputado, dono de jornal, foi deputado federal, ligado a grande empresa aí automobilística. Aí tinha algumas fazendas no

Município, e o delegado era amigo dele. Então esse foi um caso, é o único caso típico de ação direta assim, sem passar nem... Sabe? De o delegado ir lá e resolver, sem passar nem na justiça.

ENTREVISTADOR: Eram várias famílias, como é que era?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Era, mas foi principalmente com uma família que peitou ele, sabe?

ENTREVISTADOR: Quem que é essa família?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: O rapaz chamado Dinamar Geraldo Lopes, a sua esposa chama Flor de Maio Ferreira Santiago, lembro o nome dela, e os filhos, que eu até lembro o nome dos filhos dele, chamava Genaro, o outro Carlos e outros, Cláudia. Sabe?

ENTREVISTADORA: E sofreram violência?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Sofreram, que entrou dentro de casa, as crianças pequenas, deram tiros dentro de casa, algemou o moço dentro de casa, saíram com ele tarde da noite deixando as crianças abandonadas em casa, e levou ele preso até a cidade, e a esposa dele, deixou ela no meio do mato, lá à noite sozinha lá, sabe? Ele só tirou ela de casa e soltou lá. Então, foi um...

ENTREVISTADORA: E o senhor recorda a data que aconteceu isso aí.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eu sei que foi no início de 83, 84. Mas eu tenho...

ENTREVISTADORA: É exato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É, exato não, eu tenho até os recortes...

ENTREVISTADOR: O senhor guarda isso aí?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Desde que ele entrou na justiça, nós entramos, aí ele guardou uma folha do jornal que publicou a denúncia, ficaram mais furiosos ainda de o jornal ter estampado a denúncia no outro dia, sabe? Mas eu não preciso a data, mas foi...

ENTREVISTADOR: E o desfecho do processo foi como?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Pois é, até o desfecho, e o moço continuou lá, eles não conseguiram tirar ele de lá, não. Porque eu acho que a repercussão foi tão negativa que eles desistiram de fazer da forma que eles estavam fazendo.

ENTREVISTADORA: Que bom então que ele resistiu.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Porque ele resistiu, eles não tiraram ele de lá não.

ENTREVISTADORA: Está lá até hoje?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, ele não está, eles não estão, não, porque depois eles saíram por outros motivos, mas não porque perderam a demanda, não.

ENTREVISTADOR: O processo teve... Terminou o processo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, porque... Eu não me lembro agora o desfecho total do... Eu sei que eles não saíram, mas juridicamente eu não consigo lembrar agora o que aconteceu. Mas volta e meia tinha sim alguns casos isolados, sabe, de levar a polícia. Por exemplo, nas cidades, nos distritos tinha até o chamado juiz de paz. Que até os juizes de paz se metiam nisso, sabe? Aí chega em um distrito que tem só dois policiais, o juiz de paz vai lá e leva um policial, manda arrancar cerca de trabalhador, manda, sabe, alterar a divisa. Então são muitos casos isolados. Assim, casos isolados. Mas aonde que envolve um número maior de posseiros e de pessoas, o número maior foi esse aí, que envolveram pessoas naturais, naquela época lá há muito tempo morando lá e com uma grande empresa.

ENTREVISTADORA: E assassinatos no campo de posseiros, trabalhadores, o senhor se recorda de algum?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Pois é, o assassinato de posseiros não. Teve esse caso lá que não chegou a ser... Teve tiros e tudo, mas não chegou, não teve vítimas fatais. Aí teve um fato lá de um assassinato que teve, sim, a morte de um jovem de 18 anos, mas era por causa de posse também. Porque o pai dele era posseiro em uma fazenda, o pai dele foi encontrado morto e a suspeita é que tinha sido a mando do fazendeiro.

ENTREVISTADORA: O senhor sabe o nome do fazendeiro?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Sei, José Maria Caldeira Brant, é o nome dele. Essa pessoa é uma pessoa bem instruída, porque ele era médico, ele era o presidente do Sindicato Patronal, tinha esclarecimento, sabe? Então a família acusava ele de ter mandado assassinar o pai.

ENTREVISTADORA: Qual que era o nome do pai?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Valdivino Gonçalves Siqueira. E quando o filho, uns 10 anos depois, quando o filho ia na cova lá do pai, que ele foi sepultado lá.

ENTREVISTADOR: Onde que era essa cova?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ham?

ENTREVISTADOR: Essa cova era onde?

ENTREVISTADORA: Era dentro da fazenda?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Dentro da fazenda, onde ele foi encontrado, do jeito que encontrou ele lá dentro, sabe?

ENTREVISTADORA: Dentro da fazenda do...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Do José Maria Caldeira Brant.

ENTREVISTADOR: Matou e enterrou ali mesmo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Matou ele e sumiu o corpo, só achou depois quando os urubus já devoravam, foi guiado pelos urubus e foram lá ver o que era. Então por isso que naquela época não tinha autoridade, as autoridades não importavam com isso. Fez a queixa, a polícia foi lá, mandou abrir a cova e só jogou o corpo lá dentro do local, porque não tinha mais condições.

ENTREVISTADORA: Não tinha nem caixão, nem nada?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não.

ENTREVISTADOR: A família deu notícia do desaparecimento do Valdivino e foi a polícia, delegacia local. Foi assim que aconteceu?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eu nem sei se na época, é uma coisa que na época, foi antes da minha liderança no sindicato. Essa foi a informação que foi colhida da viúva que faleceu há pouco tempo, que deu a falta dele e esperaram por 10 dias e nada. Só quando o corpo estava em decomposição e os urubus comendo é que foi lá olhar o que era. Era o corpo do marido, e pertinho da estrada, onde que ele passava todos os dias, que era a tarde, ele tinha ido visitar a mãe dele, que era vizinha.

ENTREVISTADOR: Mas, e quem achou o corpo foi a própria família?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Foi a própria família, e aí chamou a polícia. Né.

ENTREVISTADOR: E a polícia chegou lá...

ENTREVISTADORA: Mandou enterrar?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Mandou enterrar e não fez nada. Não apurou quem matou, procurou, mas não pode fazer nada. Mas a própria família viu o vestígio de que ele tinha sido assassinado, e a polícia não fez nada, não abriu inquérito, não fez nada.

ENTREVISTADOR: Nunca teve inquérito desse caso?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Nunca teve inquérito.

ENTREVISTADOR: Nunca teve médico legista assim?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Nada, nadinha.

ENTREVISTADORA: Nunca, nada foi investigado?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não investigou nada, nada, nada. E quando o filho foi lá visitar a cova do pai foi que encontrou o mesmo cara falando para não passar lá, e aí propôs voltar, não volta também, já sacou da arma e matou o rapaz também.

ENTREVISTADORA: E o rapaz tinha quantos anos?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: O que morreu tinha 18. Aí começava de dois, o outro, em legítima defesa, própria, e de terceiro e desferiu também dois golpes de faca nele que veio a matar também o rapaz, o fazendeiro.

ENTREVISTADORA: Isso teve uma repercussão grande na cidade?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Nossa! Mas foi durante muito tempo na cidade e no Estado todo, aquilo foi a primeira capa do jornal principal do Estado. Aí sim, aí teve inquérito, aí teve legista, aí teve tudo e teve processo.

ENTREVISTADOR: O que eles teriam contado então é que quando chegou o Brant de cavalo lá, então os dois filhos do Valdivino na beira da cova, um chega a falar: “Então nós vamos voltar e...”

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É porque eles não tinham chegado na cova do pai ainda, eles estavam próximo, e eles interceptaram eles no caminho.

ENTREVISTADOR: E ele falou que não podia...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ele falou que não era para ir lá visitar o pai também, não. “Então nós voltamos, doutor”. “Vocês não voltam também, não”. Já sacou a arma e atirou. Teve o depoimento do menor no estatuto lá no, a gente pode provar, isso já está nos autos do processo, a gente foi acompanhar.

ENTREVISTADORA: E aí o que aconteceu com o que deu a facada?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Pois é, aí ele foi recolhido, né.

ENTREVISTADORA: Ele era menor de idade.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Era. Esse mesmo delegado que fez essa tortura para aquele outro trabalhador, era ele que era o titular da comarca na época.

ENTREVISTADORA: Qual que era o nome do advogado?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Jânio Barros. Ele mandou recolher ele, o menor não quis, teve até orientação para ele foragir, para eles esconder, sabe... Ele é um menino que tinha 14 anos, e fez como se ele tivesse 19, ele falou: “eu não vou sair, não. Eu vou ficar aqui”. A polícia veio e levou ele, e ele ficou na delegacia, pôs ele em uma sala lá. Aí procurou advogado, entrou com um pedido: “não, ele não pode ficar preso com outras pessoas”.

ENTREVISTADORA: Qual que era o advogado, da Fetaemg?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Da Fetaemg, é. Aí ele foi encaminhado para a Febem, a então Febem da época, né.

ENTREVISTADORA: Aí ele saiu de Bocaiuva?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Saiu de Bocaiuva e foi para Couto Magalhães, que é do outro lado, próximo a Diamantina, e lá ele cumpriu as medidas socioeducativas, conforme a lei diz até completar a maioridade. Completou a maior idade e ele saiu.

ENTREVISTADOR: Ele ficou uns quatro anos recluso então?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ficou uns quatro anos.

ENTREVISTADORA: Aí ele completou a maior idade e voltou para Bocaiuva?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, ele foi para Belo Horizonte. Inclusive, assim, nós tínhamos entrado com uma ação trabalhista contra esse empresário, em contrapartida da ação que ele entrou de despejo contra ele. “Então tá, eu vou sair e você paga o tempo que o meu pai trabalhou”, ele entrou com uma ação lá que eu não lembro os detalhes, e com esse dinheiro ele comprou um lote na cidade de Mateus Lemos e levou a mãe dele para lá, já tava velhinha, e ele cuidou dela lá, e ele mudou para lá, ele levou... Esse rapaz que morreu, inclusive, assim, um caso à parte, uma ironia do destino, eles eram trigêmeos.

ENTREVISTADORA: É?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eram trigêmeos, um está vivo até hoje, e o outro, tinha morrido ainda... É até engraçado. Um, a mãe esperava três filhos, ela abortou um e dois nasceram normais e um foi assassinado, e o outro está vivo até hoje. Aí mora nesse local, lá em Mateus Lemos.

ENTREVISTADORA: E esse que tá vivo também saiu de Bocaiuva?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Saiu, tem algum...

ENTREVISTADORA: A família toda saiu?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, ainda tem gente lá em Bocaiuva ainda, tem uma irmã dele lá ainda, e os outros saíram. O outro mora no mesmo local até hoje lá. Mas a fazenda depois foi vendida para outras pessoas, claro, deu outro destino. Mas essa pessoa, ela é acostumada a fazer isso, batia de chicote na cara das pessoas.

ENTREVISTADORA: O mesmo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Fazia isso, era comum, ele mandava e desmandava na cidade, né, porque o pai dele era o dono do cartório, quem herdou o cartório foi o irmão dele que era o cartoreiro, o outro era escrevente do cartório, do crime, sabe? A família toda trabalhava nos órgãos públicos.

ENTREVISTADORA: Eram poderosos.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eram poderosos na cidade toda, sabe? Então...

ENTREVISTADORA: Qual foi a repercussão na cidade, desse crime que matou duas pessoas...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ah, durante muito tempo foi só o que falou na cidade, foi só isso. Foi só isso.

ENTREVISTADORA: E as pessoas ficaram em defesa dos meninos ou não?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Teve os dois lados, porque...

ENTREVISTADORA: Dividiu a cidade de alguma forma?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Dividiu a cidade, porque tem um lado que já estava organizado em direito dos trabalhadores que achava que realmente aquilo ali não deveria ter feito aquilo e que eles deveriam respeitar mais os direitos das pessoas. E tem o outro

lado que eles tentavam articular e continuou as ameaças também durante muito tempo, inclusive eu fiquei ameaçado muito tempo pelo sobrinho dele, que era eu que era o culpado disso, que eu teria que morrer também. E fiquei na lista lá durante muito tempo.

ENTREVISTADORA: E qual que era o nome do sobrinho?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Do que ameaçava?

ENTREVISTADORA: O que ameaçou?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Um que chamava Net Caldeira Brant, era escrevente do cartório também lá, junto com pai dele, e o outro era Ramon, tudo Caldeira Brant, e um deles já faleceu também, um já veio a falecer, e o outro depois mudou de ideia, não... Porque o tempo ajudou eles a esquecerem isso. A situação do País é outra, o Município é outra. Então ainda existe conflito, mas em uma outra esfera, não é nos moldes que eram naquela época. Mas têm outras histórias, assim bem... Tem umas até, assim, de violência que nem é ligada a trabalhador rural só, não, por exemplo, tem uns pedreiros daqui de Montes Claros que foram trabalhar lá em Francisco Dumont, construir a sede em uma fazenda para o irmão do prefeito da cidade, não recebeu o dinheiro, só porque cobrou do cara matou o rapaz na estrada, sabe? Mandaram matar. Então essa cultura de matar para eles era normal. Sabe? Se não agradou, se contrariou as famílias, pode matar. Isso a gente viveu até...

ENTREVISTADORA: E isso já mudou?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Já, já mudou. Hoje, não, a gente ver hoje, é... As violências hoje são outras as razões. Essa violência aí... Hoje o pessoal... Ainda tem caso na justiça, que é o mínimo hoje, mas as pessoas discutem na justiça quando é posse de terra. Não é mais essa forma de chegar lá e eu vou resolver isso na bala, resolver do meu jeito. E o pessoal parece que educou um pouco mais.

ENTREVISTADOR: O senhor ainda atua no sindicato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ham?

ENTREVISTADOR: O senhor ainda atua no sindicato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, eu só sou sócio hoje. Aí, inclusive esse período aí teve... Eu tinha uma posição forte, né, que eu perdi a eleição, mas continuei no trabalho de oposição, na outra eleição seguinte eu tornei a conquistar a direção do sindicato e terminei de organizar o que o sindicato precisar de organizar, que era a estrutura que o

sindicato precisava, né, de ter um

quadro melhor de advogado, de ter uma assessoria e de ter meios, ferramentas de trabalho. Que é o que precisava. Por exemplo, a gente pagava aluguel, de ter uma sede própria, de ter um veículo para fazer as visitas, né? Porque o Município era muito grande, de um Município, da sede do Município tinha comunidade há mais de 100 quilômetros. Tem, né?

ENTREVISTADORA: É.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Mais de 100 quilômetros para a gente ir, tinha que ir de ônibus, ir de carona. Então pelo menos essa parte aí era de organizar o sindicato. Mas os tempos mudaram e depois eu continuo participando como diretor da regional da CUT, né? E outros órgãos que nós criamos aqui na regional para ajudar nessa luta dos trabalhadores, como o Centro de Agricultura Alternativa que nós criamos mais ou menos na época, na década de 80, outras áreas que a gente acha que os trabalhadores tinham que avançar também. E depois a Cooperativa Grande Sertão, que também era para dar um apoio à luta dos trabalhadores já pensando em produção, e até mesmo politicamente, organizando também partidos políticos para saber que essa luta passa também pelo Legislativo, pelo Executivo, e que têm equipe de pessoas que possa estar representante a gente, sobretudo no Poder Legislativo. Mas continuo até hoje, mas não como diretor do sindicato, apesar de ter uma cobrança até hoje para que eu volte e tudo.

ENTREVISTADORA: Em algum momento que o senhor trabalhou diretamente com o sindicato houve a interferência do Estado ou de fazendeiros no sindicato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não teve, não, porque... Teve tentativas, mas de uma forma arbitrária, não, a não ser a lei. Antes de 88 na lei sindical, que era regido pelo Ministério do Trabalho, que aí a Lei era assim, né? Por exemplo, qualquer recurso você tinha que interpor era no Ministério do Trabalho, e nem sempre as decisões eram de acordo com o que a gente queria. Nesse sentido, sim, era ingerência, né? Mas em outro sentido, não. E fazendeiros também já teve assim, por exemplo, de apoiar uma determinada chapa, ou então o que hoje é chamado de corrupção, de querer comprar a

sua consciência, de comprar... Isso aí já teve várias tentativas de fazer: “eu quero que isso faça assim”. Mas, graças a Deus, nunca eles cederam de ir para esse lado aí e nunca tiveram sucesso, não. Por isso mesmo, já que a gente não pode comprar, é tirar nas campanhas que a gente tinha e entrar, financiar outras chapas e que fizessem o jogo deles.

ENTREVISTADORA: E a Fetaemg ajudou vocês a criar o sindicato?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ajudou.

ENTREVISTADORA: E depois, qual foi a relação no caminho?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Olha, não foi boa, não. Aliás, tão logo eu fiquei até na oposição da Fetaemg.

ENTREVISTADORA: É?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Fiquei. Porque são chapas que vinham há muito tempo e que não atendia o anseio dos trabalhadores, não. Era um grupo fechado que eu não concordei, participei durante algum tempo como delegado e cheguei até a participar de uma chapa de oposição...

ENTREVISTADORA: Lá na Fetaemg...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É, chamada Pé no Chão, na década de 80, que tinha umas lideranças mais... Que tinha uma visão melhor, mas nunca teve sucesso, não, ali é um sistema fechado e que nenhuma chapa conseguiu ter êxito lá, não. Até hoje continua o mesmo grupo que veio lá de Montes Claros.

ENTREVISTADORA: É desde os anos 80? A mesma?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Eles mesmo, é. As mudanças que tiveram lá foram acordos, acordos. Mas outra chapa com outro pensamento nunca entrou lá, não. Nunca entrou lá, não.

ENTREVISTADORA: E aí o sindicato de Bocaiuva rompeu com a Fetaemg?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não.

ENTREVISTADORA: São filiados?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Só é filiado, continua filiado, porque hoje, cada diretoria que entra, tem uma negociação. Por exemplo, rompeu com a CUT, eu era filiado a Central Única dos Trabalhadores. Era, no meu tempo era, mas eles romperam.

ENTREVISTADORA: Romperam?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Romperam, né. A federação ligou, filiou, o (trecho incompreensível) também filiou, depois desfiliou, é filiado hoje a CGP, sabe? A outras federações. Mas na CUT, não é alinhada a essa linha da CUT, não.

ENTREVISTADORA: Uhum, vai variando também de acordo com o presidente, né?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: De acordo com as diretorias que tem, com os presidentes.

ENTREVISTADORA: E a Reforma Agrária, ela era uma bandeira da luta sindical de vocês lá ou isso não era discutido, como que eram essas discussões sobre esse tempo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Sim. Era inclusive, assim, eu acho que dos sindicatos aqui do Norte de Minas, o que mais conseguiu fazer a Reforma Agrária nos moldes propostos pelo movimento foi o nosso, porque nós atendíamos cinco municípios e em quase todos eles nós tivemos áreas que foram desapropriadas. Por exemplo, lá no Município de Joaquim Felício, lá foi desapropriada uma área de 11.000 hectares e uma luta que durou 16 anos que já terminou lá no Supremo Tribunal Federal. Nós tivemos uma audiência lá, vencendo até pelo cansaço, com o empresário... Dulfe Evandro Duarte o nome dele, um ferroviário aposentado e tal.

ENTREVISTADORA: Ai conseguiu?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Conseguimos desapropriar...

ENTREVISTADORA: E a terra era improdutivo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Era improdutivo. Os laudos de lá, até deu uma briga por isso, porque ele conseguiu fazer laudos dizendo que eram produtivas. Isso durou 16 anos na justiça, em um vai e vem. E tinha muito posseiros lá dentro, mas nós conseguimos, afinal, desapropriar, e hoje é um assentamento lá.

ENTREVISTADORA: Hoje é um assentamento?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É assentamento lá.

ENTREVISTADORA: E qual que é o nome do assentamento, você sabe?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Me falhou o nome dele, o nome que ele levou lá, mas lá é Fazenda Catone.

ENTREVISTADORA: Catone?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Fazenda Catone do Joaquim Felício. Onze mil hectares de terra e tem mais ou menos 70 famílias assentadas, e que está indo muito bem.

ENTREVISTADORA: E esse assentamento, o senhor sabe a data mais ou menos que ele começou?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Ele começou na década de 80 também, mas começou a briga lá. Mas ele efetivou foi no final dos anos 90, no final dos anos 90, né? Em Bocaiuva, nós temos um outro em Bocaiúva, que é da Industrial Malvina S.A., uma empresa do setor açucareiro e álcool, que durou 100 anos e são 25.000 hectares de terra, e que nós conseguimos também. Essa nem foi desapropriação, porque foi um outro sistema, porque era uma empresa muito velha de 100 anos e que acumulou tantas dívidas que o próprio Estado depois acabou adjudicando essas terras, pegando elas para si e repassando ao INCRA, e fizemos o assentamento, tem 600 pessoas assentadas.

ENTREVISTADORA: Seiscentas pessoas ou 600 famílias?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Famílias, 600 famílias, com muitos problemas, porque é um assentamento muito grande que o INCRA não deu conta até hoje de fazer o que deveria ser feito. Tudo luta do sindicato para a gente lá. Teve ameaças de morte também, teve muitas brigas lá. Lá teve muito, mas por parte dos vigilantes da empresa mesmo, pelo Poder Público até que não, e um empresário muito forte que tinha na época lá.

ENTREVISTADORA: Mas o vigilante fazia algum tipo de violência?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não chegou a fazer violência, porque era mais com a diretoria. Eu que era o alvo, né? Porque a gente estava lá...

ENTREVISTADORA: Ameaçavam?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: A ser ameaçado, a gente fazia lá. Aí nós temos outro assentamento.

ENTREVISTADORA: Qual que é o nome desse que você falou, da empresa?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Essa era a Industrial Malvina S.A.

ENTREVISTADORA: E o assentamento tem nome?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: O assentamento lá é Betinho, PA Betinho.

ENTREVISTADORA: Betinho, PA Betinho.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É um nome em homenagem inclusive a Herbert de Souza, que é bocaiuvense e que fez aquele trabalho aí, de acabar com a fome. Então nós quisemos homenageá-lo.

ENTREVISTADORA: E hoje o PA Betinho... Tem algum movimento que atua lá, é MST?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, até já teve uma tentativa já do MST, da Liga, teve também, mas não prosperou. Então lá é ligado ao Movimento Sindical...

ENTREVISTADORA: MSTR?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: MSTR mesmo, né? Mas que eu acho muito fraco, fraco com uma demanda daquele tamanho. Só associações, lá tem 13 associações lá dentro.

ENTREVISTADORA: Lá dentro?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Lá dentro. Então é muita complicação.

ENTREVISTADORA: E vocês do sindicato atuam lá?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Atua lá, mas não dá conta demanda, que é muita coisa, muita coisa.

ENTREVISTADOR: Quais são os principais problemas que o assentamento, assim, enfrenta?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É porque lá, por ter sido uma área que era muito disputada por muitos credores, banco e terceiros, até hoje tem ações na justiça. E por ser grande demais, o município... O assentamento não produziu liderança, ele próprio, com essa visão que a demanda exige para dar conta disso. A demanda era do sindicato e o sindicato não dá conta de ficar lá dentro. Mesmo depois de assentado agora, o perfil de pessoas, aí começou a outra pessoa e a manipular, de venda de lotes, até policial federal já aposentado tem lote lá, sabe? Prefeitos da região tem lote lá dentro. Então criou problema demais, demais mesmo.

ENTREVISTADORA: Gente que nem era...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Que não era...

ENTREVISTADORA: Que nem trabalhava na terra...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: E aí começaram a aproveitar da situação. Tinha um desembargador em Belo Horizonte que arrendou uma terra lá, e pôs lá 1.000 cabeças de gados, sabe?

ENTREVISTADORA: Dentro da fazenda?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Dentro do assentamento. Porque 25.000 hectares é terra demais, e tinha uma estrutura gigantesca que crescia o olho de todo mundo vivia lá, sabe? Mas todo mundo entrou só para tirar proveito, mas o INCRA não teve perna para mexer com isso, não. Mas o pessoal está lá, não saiu, não.

ENTREVISTADORA: E o pessoal produz lá?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Produtor, lá tem tudo.

ENTREVISTADORA: Tem de tudo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Tem gente que produz bem, tem gente... Eu fico satisfeito por isso, tem pessoas que estavam na cidade lá, na periferia, passando fome e que hoje a gente chega lá e dá prazer de ver, a casa que eles fizeram, trouxeram recurso para casas, energia elétrica, chega lá tem muita coisa boa. Uma boa parte tem coisa boa. Lá tem tudo, tem gente ruim e tem gente que não vale nada, né? Tem muita coisa. Tem uma disputa muito grande, por fazer parte de três municípios também, uma parte era Bocaiuva, a outra é Engenheiro Navarro, e uma outra é Joaquim Felício, é um mundo de coisas.

ENTREVISTADORA: Muita terra.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Nós fizemos um outro assentamento também pela modalidade do INCRA no Município de Engenheiro Navarro em Bocaiuva, na fazenda chamada Santa Engrácia. Que foi nos apagada a luz do Governo Fernando Henrique, que o INCRA tinha feito vistoria e eles recusaram negociar. Mas no apagar da luz eu acho que veio aquele grupo e tira proveito de governos, como o Joesley Batista agora. Eu imagino

que foi isso que fizeram, né. E foi lá e levou diretamente para o INCRA e negociou e recebeu a terra, e vendeu a terra e recebeu o dinheiro.

ENTREVISTADORA: Vendeu para o INCRA?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Vendeu para o INCRA, porque era mais da modalidade de força de apropriação, era um grupo, que depois que eu fui entender o que era, ligada à rede de hotelaria no Rio de Janeiro e alguém tinha muita influência no governo, e conseguiu... Aí que nós fizemos a mesma uma coisa. Antes que outro de fora entrasse, levamos os trabalhadores lá dentro e ocupou e está indo muito bem também, sabe? E nessa área de terra, nós ocupamos

todos os espaços, essas terras que estavam ociosas e tinham conflitos diretos, como é o caso da Catônica, no conflito com um fazendeiro, com um fazendeiro. O da Malvina, que era um conflito direto com a empresa, e essa outra que era com um fazendeiro, a gente a ocupou, e do Governo Fernando Henrique criou a modalidade também, quando ele queria esvaziar o movimento dos sem-terra e criou o Banco da Terra, né, e que hoje está aí, hoje é Banco da Terra, que é a modalidade de compra de terra direto, negociação, que eram chamados os para-terra, até isso o pessoal lá fez uma experiência e adquiriu algumas fazendas também, e que as pessoas... Uma já está fazendo agora, vai fazer 20 anos, e que era um projeto piloto, a pessoa pagava a metade só do montante que pegasse. Aliás, pagava o valor da terra, a benfeitoria não pagava, sabe? Tudo que fosse para fazer melhoramento. Tem também em Bocaiuva, três assentamentos nessa modalidade, que hoje é o Banco da Terra. Aliás, hoje, como é que chama hoje? Hoje nem é Banco da Terra, né. Banco da Terra foi no passado, hoje chama Crédito Fundiário, que é essa modalidade. Então Bocaiuva fez todas as frentes que apareciam. Tinha a demanda que os trabalhadores apresentavam: "Vocês tá querendo isso?", "Nós queremos é isso não, nós queríamos é uma modalidade antiga de Reforma Agrária, mas vocês querem comprar terra e pagar, o banco vai financiar, tem um desconto aí grande, como no caso aí, pegava R\$ 1.000,00 e pagava 200, 300... Tem. Então a Reforma Agrária sempre...

ENTREVISTADORA: Aí teve gente que conseguiu adquirir...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Conseguiu. Tem pelo menos... Tem três assentamentos com essa modalidade, e outros mais três com a modalidade antiga. E teve um outro em... Em cada município a gente fez um. Tem um no Município de Guaraciama com essas modalidades e no Município de Olhos d'Água tem um que é no modelo antigo do INCRA comprar, chama dois de junho, que comemorou 18 anos agora, que foi quando eu estava ainda na direção também, nós conseguimos uma área boa que tem lá também umas 70 famílias produzindo bem. Em cada Município a gente fez pelo menos um movimento, um assentamento.

ENTREVISTADORA: Então vocês conseguiram realizar um trabalho...

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: E modéstia a parte eu considero realizado, que foram feitos, né.

ENTREVISTADORA: Uhum. Tem mais alguma coisa em relação ao trabalho do sindicato que a gente não comentou, ou algum conflito?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Tem. Não, assim uma outra coisa que o sindicato fez durante muito tempo também, que fez muito bem, porque era uma área que tinha muita denúncia com as empresas, sobretudo essa V&M, que teve também, além do assassinato que teve, culminou,

desse último agora, uma disputa também de território, que acabou assassinando também um trabalhador lá, o Antônio Joaquim...

ENTREVISTADORA: Ele era trabalhador da V&M?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, ele era morador da comunidade, e aí a V&M cercou toda a comunidade. Aí tinha um conflito, como tem até hoje.

ENTREVISTADORA: Qual que é a comunidade?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Canabrava, no Município de Bocaiuva, e deles quererem usar uma terra que sempre foi deles, então de pegar lenha, resto de lenha que cai na estrada, galha de eucalipto, e ele foi assassinado nesse conflito lá, né?

ENTREVISTADOR: Isso aí foi quando?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Isso foi em 87... 97, já está fazendo agora já é 10 anos.

ENTREVISTADORA: 20 anos.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, então foi 2007. Então, foi em 2007. Não é 20 ano,s não. São 10 anos. E agora, antes desse assassinato, nós conseguimos trabalhar também, porque tinha uma denúncia de trabalho escravo nessas empresas. Então nós fizemos muitos acordos coletivos também nessas empresas para melhorar a situação e condição de trabalho, e mesmo salarial dessas pessoas. Porque durante muito tempo funcionou relativamente bem, eu considero, durante o período em que eu estive lá, sabe? Então depois eu saí eu não sei, mas a gente fez mesmo muitos acordos coletivos. Chegamos a fazer também até uma convenção coletiva, que é feita com o Sindicato Patronal até para os trabalhadores individuais de fazenda. Então são coisas que foram desleixadas e foram, não foram tão valorizadas. Então dessas áreas aí nós tivemos bastante... Aliás, eu acho que o sindicato atuou em todas as frentes, todas as frentes principais dos trabalhadores, sabe? Essa questão, por exemplo, quando tinha cana lá na Malvina, nós tivemos lá as convenções de trabalho e os acordos coletivos de trabalho, e nas empresas de eucalipto tentamos resolver um pouco da situação com os acordos coletivos de trabalho. E agora hoje, com a terceirização, acabou com a mecanização também do campo, né? Que hoje não tem mais mão de obra braçal, é tudo... Como é que a gente fala? É tudo máquina, com tudo mecanizado. Então é o mínimo de trabalhador que tem, sabe? Não... Então eu acho que as situações estão se deteriorando novamente. Estão se deteriorando com essas novas relações de trabalho hoje aí, porque eu entendo que nós estamos vivendo em um momento de rever algumas coisas. É claro, não é nos moldes que está querendo os ruralistas, né. Mas pelo menos no ponto de vista de organização, o novo sindicato ele rever, como que reorganiza agora, porque aquela outra já não está surtindo mais efeitos.

ENTREVISTADORA: E as demandas já são outras.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: É, e os efeitos aqui já não surtem mais... Na época era avanço, que era de conquistas, hoje não significa mais.

ENTREVISTADORA: Uhum. Senhor Juarez, o senhor autoriza a gente a usar a entrevista do senhor à Comissão da Verdade, para o relatório que a gente vai escrever sobre a violência no campo?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, isso integralmente.

ENTREVISTADORA: Então está bom.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Sendo para melhorar, para esclarecer e para libertar os trabalhadores, qualquer coisa eu farei, então eu autorizo.

ENTREVISTADORA: Tem mais algum conflito que o senhor gostaria de mencionar? Alguma violência? Algum agente público, fazendeiro que o senhor gostaria de destacar, além dos que já foram citados?

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: Não, que são casos irrelevantes... Pode ter algum caso que eu não preparei para eles, são casos mais isolados, coisa mais pessoal. Mas no campo mesmo, que a gente entende que seria até uma política de estado, que eles levavam o pessoal a fazer isso, acho que isso já foi mencionado.

ENTREVISTADORA: Está bom. Obrigado, Senhor Juarez.

JUAREZ TEIXEIRA SANTANA: De nada, estou à disposição. Por nada.